



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

SABRINA COSTA FEITOSA ARAÚJO

**QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA INFANTIL: DANDO VOZ AO
DESENHO**

**PICOS – PI
2017**

SABRINA COSTA FEITOSA ARAÚJO

**QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA INFANTIL: DANDO VOZ AO
DESENHO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Prof^a Ma. Cristiana Barra Teixeira.

FICHA CATALOGRÁFICA**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí****Biblioteca José Albano de Macêdo****A659d** Araújo, Sabrina Costa Feitosa

Que dizem as crianças sobre a escola infantil: dando voz
ao desenho / Sabrina Costa Feitosa Araújo– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (63 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Profª. Ma. Cristiana Barra Teixeira

1. Educação Infantil. 2.Crianças-Desenho.
3.Escola-Brincadeiras. I. Título.

CDD 372.21

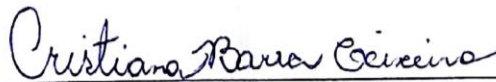
SABRINA COSTA FEITOSA ARAÚJO

**QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA INFANTIL: DANDO VOZ AO
DESENHO**

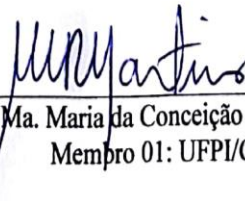
Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Prof^ª Ma. Cristiana Barra Teixeira.

Aprovada em: 14 / 11 / 2017

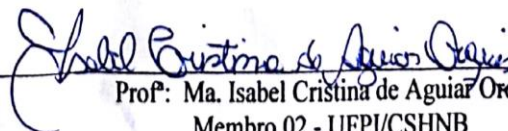
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª: Ma. Cristiana Barra Teixeira
Orientadora - UFPI/CSHNB



Prof^ª: Ma. Maria da Conceição Rodrigues Martins
Membro 01: UFPI/CSHNB



Prof^ª: Ma. Isabel Cristina de Aguiar Orquiz
Membro 02 - UFPI/CSHNB

DEDICATÓRIA

Dedico o meu TCC para todos aqueles que contribuíram para a construção desse trabalho, aos amigos que a UFPI me deu; eles foram abrigo e morada quando eu não tinha forças para seguir em frente. Às minhas crianças, que são as responsáveis pelo meu encantamento com o mundo infantil, pela doçura e pureza com que cativavam os meus dias. À minha família, em especial aos meus pais, por fazerem desse sonho possível, quando muitos queriam outra coisa pra mim. Muitos foram os obstáculos durante esses últimos anos, mas graças a Deus e a vocês eu não fraquejei. Obrigado por tudo família, minhas crianças, professores e amigos

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus, por sempre se fazer presente nesta caminhada. Todas as vezes que me senti fraca, Tu me fizeste forte.

Deus me presenteou com uma família maravilhosa, sem ela não teria conseguido superar os obstáculos presentes em meu caminho. Agradeço imensamente aos meus avós Luís Francisco e Maria dos Remédios, pelo exemplo de força e honestidade; aos meus tios, primos irmãos e cunhada pelo apoio e incentivo; vocês me fizeram sentir inúmeras vezes capaz de chegar bem longe. Meu agradecimento em especial vai para minha mãe, Vanúbia Costa Feitosa Araújo; mãe, muito obrigada por me apoiar sempre, tudo é pra você e por você, quero poder retribuir tudo que fizestes por mim. Ao meu pai Ivoneto José de Araújo, por ter acreditado em mim e me apoiado na minha escolha, enquanto muitos criticavam e achavam que isso era pouco pra mim. Serei eternamente grata a vocês.

Ao meu namorado Wesley Facundo Alves de Sousa, pela paciência em todos esses anos de curso, pelo companheirismo, por não me deixar desistir quando eu achava que não seria mais possível continuar.

Os cinco anos de vivência na Universidade não apenas me tornou uma pessoa diferente, com outra visão de mundo, mas foi aqui que ganhei amigos que ultrapassam os limites da irmandade, amigos de alma e de coração, Thais Virgínia, a amiga mais serena de todo o mundo; Meiriane, menina forte e guerreira; Maria Palloma que, apesar de toda a impaciência, é um doce de pessoa; Bianca, que demonstrou ser tão forte e genuína; Vinícius, o responsável por me tirar sorrisos nos momentos mais tristes e por me ensinar a amar as pessoas como elas são. À minha amiga de longa data, Darcilane, vivemos tantas coisas juntas... amiga, você é um exemplo para mim. Maria Inês que com maturidade me ouvia e me aconselhava. Por mais que sigamos caminhos diferentes, vocês estarão pra sempre eternizados em mim; não foi por acaso que nos conhecemos, Deus já sabia que íamos precisar um do outro. Sem vocês na minha vida, essa caminhada não teria sido cheia de cores e flores.

O que dizer então da minha orientadora Cristiana Barra Teixeira, ou para os mais íntimos, Tia Cris! Você é digna de todo o carinho, admiração e respeito que temos por ti. Nos

momentos de angústia, você, com seu jeitinho sereno, diz que vai dar tudo certo, acreditando na minha capacidade, tornando a vida mais doce de ser vivida. Deixo registrada aqui a minha enorme admiração pela pessoa humana que és, pelo carinho e amizade demonstrada conosco. Você é digna de todo o sucesso do mundo, muito obrigada mesmo!

A todos os professores do curso que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Professora Rhejane, que no início do curso foi peça fundamental para todos nós, incentivando e nos dizendo que éramos capazes.

Professora Conceição, ou carinhosamente como a chamamos, *Nega*; obrigada por deixar nossas aulas mais leves, por nos ensinar com alegria. Professora Isabel, agradeço por todo conhecimento ensinado, principalmente pelos fundamentos sobre Educação Infantil; eles foram essenciais para a construção deste trabalho. Agradeço as duas por aceitarem participar da banca de defesa do presente trabalho.

Sem mais delongas, agradeço a todos que estiveram presentes e torcendo por mim. Que Deus cubra suas vidas de bênçãos e alegrias. Muito obrigada!!!

Se na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Freire (2000)

RESUMO

Este estudo versa sobre as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola, a partir do desenho. Sua realização deu-se a partir da questão problema: o que as crianças da Educação Infantil dizem sobre a escola? Teve como objetivo geral analisar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola a partir do desenho. De forma mais específica, nos propomos a analisar o desenho infantil sobre a escola, identificar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre ela e refletir sobre as necessidades e expectativas destas com as propostas voltadas para a Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com um estudo de caso. Escolhemos oficinas de desenhos e entrevista com as crianças como instrumentos de coleta de dados para compreendermos como elas percebem a escola. Apoiados em Bardin (2011), recorreremos à análise de conteúdo para compreendermos e analisarmos as informações colhidas. Para dar subsídio aos achados da pesquisa, nos baseamos em autores como Kramer (1999; 2002), Cely (2002), Bardin (2011), Yin (2005), Minayo (2001), Derdyk (1993), Oliveira (2000), Richardson (2009), Moreira (1989), além de refletirmos à luz dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1989), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), LDBEN (1996), dentre outros. A investigação nos revela que na pré-escola deve-se valorizar as brincadeiras como mecanismo de aprendizagem; não estamos falando que os conteúdos devem ser deixados de lado, mas que a aprendizagem deles ocorra por meio de atividades lúdicas, uma vez que é necessário dar ênfase ao brincar como principal mecanismo de aprendizagem. A Educação Infantil deve ter como propósito contribuir para o desenvolvimento da criança enquanto criança. Acreditamos que esse estudo possa contribuir com futuras pesquisas sobre o tema. Almejamos que novos estudos possam ser realizados a fim de aprofundar e dar continuidade a essa discussão.

Palavras-chave: Educação Infantil. Crianças. Desenho. Escola. Brincadeiras.

ABSTRACT

This study deals with the perceptions that children in the Early Childhood Education have about school through the drawing. It's realizations come from the problem question: what does the kindergarten children have to say about school? The general point was to analyze, from the drawings, the perceptions that the children in early childhood education have to say about school. In a more specific way, we propose to analyze the children's drawing on the school, to identify the perceptions that the children of early childhood education have about it and reflect on the needs and expectations of those with the propositions focused on the Early Childhood Education. This is a qualitative research with a case study. We have chosen workshop's on drawings and interviews with the children as data collection tools to understand how they see school. Supported by Bardin (2011), we used content analysis to understand and analyze the information collected. To support the research, we based it in authors such as, Kramer (1999; 2002), Cely (2002), Bardin (2011), Yin (2005), Minayo (2001), Derdyk, Oliveira (2000), Richardson (2009), Moreira (1989), besides reflecting in the light of the National Curriculum Frameworks for Early Childhood Education (1989), Child and Adolescent Statute (1990), LDBEN (1996), among others. The investigation reveals that in the preschool one must value the jokes as a mechanism of learning; we are not saying that the contents should be left aside, but that their learning occurs through play activities, since it is necessary to emphasize playing as the main learning mechanism. Early Childhood Education should aim to contribute to the development of the child as a child. We believe this study may contribute with the future research on the subject. We hope that further studies can be carried out in order to deepen and continue this discussion.

Keywords: Early Childhood Education. Children. Drawings. School. Games.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I- EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES TEÓRICAS.....	12
1.1 Aspectos históricos e legais da Educação Infantil	12
1.2 Orientações curriculares para a educação infantil.....	15
1.3 Concepções de criança/infância.....	19
1.4 O que representa o desenho infantil.....	21
CAPÍTULO II – LINHAS DA PESQUISA	25
2.1 Caracterização da pesquisa	26
2.2 Local e participantes da pesquisa	29
2.3 Técnicas e Instrumentos da pesquisa.....	29
2.4 Análise dos dados.....	33
CAPÍTULO III - A ESCOLA É.....	36
3.1 Escola: lugar de brincar.....	37
3.2 Escola: lugar de tarefa.....	40
3.3 Escola: lugar de amiguinhos.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	53

INTRODUÇÃO

Até a Educação Infantil ser considerada primeira etapa da Educação Básica, várias foram as transformações sociais, políticas, históricas e conseqüentemente a mudança na estrutura familiar e concepção de criança e infância. Muitos aspectos foram sendo incorporados e modificados, do caráter assistencialista ao pedagógico, em que se torna necessária a união do cuidar e educar.

Dessa forma, compreender o que as crianças pensam da escola infantil atrai nosso interesse por sua pertinência para o campo pedagógico, tendo em vista a inserção delas no ambiente escolar cada vez mais cedo. Considerando-as como seres sociais, faz-se necessário ouvir suas aspirações, ansiedades, entender o que elas querem da escola.

Sabemos que as instituições que oferecem essa etapa de ensino devem priorizar o brincar como principal mecanismo de desenvolvimento e aprendizagem, pois criança se desenvolve também brincando. Correr, brincar, pular, dançar, fantasiar, imaginar, colorir com as cores que preferir devem ser atividades comuns no dia a dia de crianças.

Pesquisamos quando algo nos inquieta e desperta o nosso interesse. Desta forma, por meio das experiências do estágio, percebemos que o brincar é deixado de lado e que as crianças estavam sendo ensinadas como gente grande, sentadas numa cadeira, olhando para um quadro e ouvindo o que a professora lhes dizia. Vamos para o estágio com conhecimentos e orientações sobre como devemos ensinar, teorias tão bonitas, mas quando chegamos lá, descobrimos o verdadeiro sentido das teorias aprendidas. Elas não funcionam como receita, mas como ressignificação da nossa prática docente.

Compreendemos também que mesmo com tantos avanços, com leis que orientam como a Educação Infantil deve ser desenvolvida, muito ainda se tem a discutir sobre como a criança aprende. Desse modo, desenhamos nosso problema de pesquisa: o que as crianças da Educação Infantil dizem sobre a escola?

Para tanto, traçamos como objetivo geral, analisar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola a partir do desenho. De forma mais específica, nos propomos a analisar o desenho infantil sobre a escola, identificar as percepções que as crianças do ensino infantil têm sobre ela e refletir sobre as necessidades e expectativas destas com as propostas voltadas sobre a Educação Infantil.

Fundamentamos nossa pesquisa com um estudo de caso, por meio de uma abordagem qualitativa, e escolhemos oficinas de desenhos e entrevista com as crianças como instrumentos de coleta de dados para compreendermos como elas percebem a escola.

Apoiados em Bardin (2011), recorreremos à análise de conteúdo para compreendermos as informações colhidas.

Para dar subsídio aos achados da pesquisa, nos baseamos em autores como Kramer (1999; 2002), Cely (2002), Bardin (2011), Yin (2005), Minayo (2001), Derdyk (1993), Oliveira (2000), Richardson (2009), Moreira (1989), além de refletirmos à luz dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1989), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), LDBEN (1996), dentre outros.

Consideramos o apoio teórico indispensável para compreendermos os questionamentos levantados em torno do objeto de estudo e dos objetivos desse trabalho. Dessa forma, a leitura acerca do tema fundamenta toda a discussão dessa pesquisa. O texto está organizado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

Na *Introdução*, apresentamos nossa temática de estudo justificando o nosso interesse em investigá-la. Destacamos nossa questão-problema, os objetivos traçados para o desenvolvimento do estudo, assim como as estratégias metodológicas eleitas e alguns teóricos que, através de estudos e documentos, subsidiam essa pesquisa.

No primeiro capítulo intitulado *Educação Infantil: reflexões teóricas*, evidenciamos algumas concepções teóricas sobre a Educação Infantil, onde nos propomos a destacar aspectos históricos e legais dessa etapa de ensino, até ela ser integrada como primeira etapa da Educação Básica. Em seguida, analisamos as Orientações Curriculares para a EI (Educação Infantil), posteriormente destacamos as concepções de criança/infância, e no último tópico deste capítulo, consideramos o que representa o desenho infantil.

Linhas da pesquisa é o tema do segundo capítulo, no qual reservamos para detalhar todo o caminho da pesquisa, sua caracterização como pesquisa qualitativa, descrição do local e participantes, técnicas e instrumentos de coleta de dados, e por fim, descrevemos e justificamos a análise destes dados.

Os dados colhidos foram analisados no terceiro capítulo “*A escola é...*”. Neste tópico, refletimos sobre os achados da pesquisa nas oficinas de desenho e entrevista com os participantes através das categorias de análises: Escola: lugar de brincar; Escola: lugar de tarefa e Escola: lugar de amiguinhos, definidas no capítulo metodológico.

As *considerações finais* trazem os principais achados da pesquisa, partindo da problemática levantada para a realização do estudo, assim como os objetivos do mesmo. Realizamos também uma síntese da análise dos resultados, e uma reflexão crítica acerca da discussão do nosso trabalho, bem como reconhecemos a pesquisa como inacabada e a importância de sua continuação. A seguir, apresentamos nossas primeiras considerações.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES TEÓRICAS



A Educação Infantil nem sempre teve destaque na formação de crianças pequenas. Revendo a história dessa etapa de ensino, percebe-se que o direito à educação e ao reconhecimento dessa etapa como parte integrante da Educação Básica é o resultado de transformações sociais, políticas, históricas e conseqüentemente de uma mudança na estrutura familiar. A origem das instituições que se dedicassem à Educação Infantil é marcada por diferentes conceitos de infância. Para melhor entendimento, esse capítulo está organizado da seguinte forma: de início, faremos um resgate dos aspectos históricos e legais da Educação Infantil; logo em seguida, analisaremos os Referenciais Curriculares; no terceiro tópico, abordaremos a concepção de criança/infância; já no quarto tópico, iremos refletir acerca da importância do desenho infantil.

1.1 Aspectos históricos e legais da Educação Infantil

Nem sempre as crianças foram consideradas como sujeitos detentores de direitos. Muitas lutas foram travadas para que elas viessem a ser consideradas cidadãs e tivessem direito à educação que ultrapassassem o âmbito familiar. Assim, neste item, iremos tratar dos aspectos históricos e legais da Educação Infantil, buscando resgatar e analisar as leis que abordam como e quando surgiu um olhar voltado para a escola infantil.

A história oficial da educação no Brasil começa com chegada dos jesuítas (1549) em nossas terras no período colonial. Comandados por Inácio de Loyola, a ordem da companhia de Jesus tinha como missão a catequização indígena. Dessa forma, a educação assumia então um caráter religioso (NETO; MACIEL, 2008).

Ainda conforme os referidos autores, para os jesuítas, as crianças eram consideradas como uma tábua rasa, dessa forma, aprenderiam as doutrinas católicas mais rápido e com mais facilidade, acreditando que por meio dos pequenos, os adultos também aceitariam os princípios católicos. Vale destacar que quando os jesuítas se instalaram em terras brasileiras, os índios já as habitavam e possuíam uma cultura, ensinamentos e religião própria.

Com o advento do Iluminismo, o homem católico e religioso não correspondia ao novo modelo de sociedade; agora era necessário um homem burguês. Assim, a partir de 1759, a Companhia teve suas atividades suspensas. O Marquês de Pombal¹ exilava do Brasil os

¹ Pombal, Sebastião José Carvalho e Melo foi um político Português, dirigente do país durante o reinado de José I. O Marquês de Pombal acusou os jesuítas de promoverem a resistência dos índios a Portugal. Alegando esse motivo, em 1759 expulsou e confiscou os bens da Companhia de Jesus do Brasil, tal como já o tinha feito em Portugal. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/marques-de-pombal/>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

jesuítas, confiscando todos os seus bens para implantar um novo modelo de sociedade de acordo com o que estava acontecendo na Europa no século XVIII (NETO; MACIEL, 2008).

O objetivo do Marquês era tirar a educação das mãos dos jesuítas e transferi-la ao Estado, a fim de ampliar o poder do estado Português.. No entanto, a educação continua com as mesmas características, pois tanto os professores eram os mesmos das escolas dos jesuítas quanto o método autoritário e enciclopédico continuou.

Ainda no período imperial surgiram os primeiros locais, como asilos, orfanatos e a Santa Casa da Misericórdia, com a roda dos expostos², nos quais as mães solteiras deixavam seus filhos sem que fossem identificadas. Esses locais eram reservados para o cuidado de crianças de 0 a 6 anos de idade que eram abandonadas.

Outro acontecimento histórico que contribuiu para a criação de creches foi a Revolução Industrial na Europa. Esse advento trouxe mudanças no modo de organização social, onde a mulher ingressava no mercado de trabalho e com isso, a organização familiar também se transformava, alterando a maneira da família educar os filhos. Era preciso então um lugar para que as crianças pudessem ficar. É nesse contexto que surgem as primeiras creches; a educação nesse sentido ganha um caráter assistencialista, limitando-se apenas ao cuidado com as crianças.

Em 1870 chegam ao Brasil as ideias de Jardim de Infância de Froebel, que tinham a criança como uma sementinha que precisava ser regada com cuidado para assim desabrochar com muito amor. No Rio de Janeiro, os Jardins foram criados no Colégio Menezes Vieira e na Escola Americana, sendo dirigidos por protestantes. Em 1924, o número de creches e Jardins de Infância já somavam em 47 instituições pelo Brasil (NETO; MACIEL, 2008).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), romper com o caráter assistencialista ultrapassa os aspectos legais. É preciso, pois, compreender as especificidades da Educação Infantil, dar novo significado à infância, às responsabilidades sociais e ao papel do Estado diante dessa etapa de ensino. Nesse sentido, passaremos a escrever esse trabalho tomando esse documento legal como nosso norteador.

Começa então as discussões sobre a inclusão do atendimento de crianças de 0 a 6 anos de idade em creches e pré-escolas. A Constituição Federal de 1988 trouxe inovações para essa

² Quase por século e meio a roda de expostos foi praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada. O sistema de roda de expostos foi inventado na Europa Medieval. Seria ele um meio encontrado para garantir o anonimato do expositor e assim estimulá-lo a levar o bebê que não desejava para a roda ao invés de abandoná-lo. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/.../A%20Roda%20dos%20Expostos%20e%20a%20Criança>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

modalidade de ensino, pois, pela primeira vez, inclui-se num documento leis sobre essa etapa de ensino, trazendo a oferta da Educação Infantil em creches e pré-escolas, como sendo um dever do Estado e direito de toda criança.

Para dar subsídio a essa lei, a LDB 9394/96, apoiada na CF, estabelece que a educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica. A partir daí torna-se necessário unir o caráter assistencialista (0-3 anos) e pedagógico (4 a 6 anos), reconhecendo assim que a educação tem início desde os primeiros anos de vida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA- criado pela lei n. 8.069, de 13/07/1990, reafirma esses direitos já trazidos na Constituição, garantindo em seu artigo 4º que é dever do poder público garantir e assegurar o direito à educação. A ideia de educação ser um direito da criança é reforçada no seu artigo 53, que deve ter por objetivo o pleno desenvolvimento de sua pessoa para o exercício da cidadania.

Como já mencionado anteriormente, a atual LDB, que compreende a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, em sua seção II, capítulo II, em seu Artigo 29, trata que a educação deve desenvolver a criança de forma integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, com a complementação da ação da família e da comunidade.

Outro documento que legaliza a Educação Infantil em conformidade com a meta do MEC, que preconiza a construção coletiva das políticas públicas para a educação, foi elaborado em parceria com o então Comitê Nacional de Educação Infantil: o documento de Política Nacional de Educação Infantil- PNEI. Esse documento contempla a expansão da oferta de vagas para crianças de 0 a 6 anos de idade.

Na esteira das ideias de Andrade (2010, p.146) apud Oliveira (2005, p. 49), para que as propostas pedagógicas das creches e pré-escolas atendam às exigências legais, deverão:

[...] organizar condições para que as crianças interajam com adultos e outras crianças em situações variadas, construindo significações acerca do mundo e de si mesmas, enquanto desenvolvem formas mais complexas de sentir, pensar e solucionar problemas, em clima de autonomia e cooperação. Podem as crianças, assim, constituir-se como sujeitos únicos e históricos, membros de famílias que são igualmente singulares em uma sociedade concreta.

Em 1990 ocorre na Tailândia a Conferência Internacional de Jomtiem. Essa conferência reuniu países e órgãos internacionais para discutirem sobre a Educação Básica no mundo. A Educação Infantil ganha destaque, pois a primeira meta desse encontro é para essa etapa de ensino, estabelecendo expandir e melhorar o cuidado da primeira infância, especialmente para crianças vulneráveis (ANDRADE, 2010).

A LDBEN nº. 9.394/1996, em seu artigo 4º, inciso IV, apresenta uma grande conquista para a educação, instituindo que “o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. A Educação Infantil fica sob a responsabilidade dos municípios.

A Educação Infantil deixa de ser responsabilidade da família e passa a ser dever do Estado dar condições para o acesso gratuito de crianças de 0 a 6 anos de idade. Como visto, o ensino infantil passou por diferentes funções, de assistencialista a preparatório, com o intuito de compensar as deficiências das crianças, no que diz respeito às desigualdades sociais, à função pedagógica, considerando as crianças como produtoras de cultura.

No próximo tópico iremos discorrer sobre as Orientações Curriculares para a Educação Infantil, agora primeira etapa da Educação Básica, considerada pelo seu papel fundamental no desenvolvimento humano. Analisaremos as contribuições desse documento para a construção de propostas educativas que respondam às demandas sociais.

1.2 Orientações curriculares para a Educação Infantil

As escolas de educação infantil precisam oferecer condições que favoreçam a aprendizagem de forma lúdica, para que as crianças possam aprender brincando, de forma planejada e intencional, com um papel socializador, promovendo o desenvolvimento da identidade destas.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 2009, p.23).

Assim, o educar, na Educação Infantil, está diretamente ligado ao brincar com o objetivo de desenvolver a criança integralmente, em seus aspectos físico, motor, afetivo, psicológico, intelectual e cognitivo, com o intuito de orientar para uma relação de respeito a si e ao outro, por meio de um contato com as diferenças socioculturais.

Com o intuito de contribuir para a adoção de práticas educativas de qualidade, foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, com a função de colaborar com as políticas e programas da escola infantil. Considerando as especificidades dessa modalidade de ensino, que atende crianças de 0 a 6 anos de idade, foram elaborados alguns princípios norteadores que possam contribuir para o desenvolvimento integral dessas crianças:

1. O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
2. O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
3. O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
4. A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
5. O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (BRASIL, v. 01, 1998, p.13).

As instituições de ensino infantil devem proporcionar atividades que promovam a aprendizagem sem nenhuma forma de preconceito, pois o direito de toda e qualquer criança é ser respeitada, cuidada e ter condições básicas para participarem ativamente da sociedade.

A brincadeira está presente na vida da criança. Elas aprendem brincando, por isso se torna necessário utilizar-se desse método na escola, visto que o brincar influencia o desenvolvimento infantil, tornando-se então necessário nessa modalidade, sobretudo, por ser um período que requer mais atenção e criatividade por parte do educador, pois se trata de crianças em desenvolvimento.

Além disso, é preciso levar em consideração que a criança começa uma etapa diferente, agora tem atividades escolares, toda a sua rotina muda. Aliar a ludicidade ao ensino faz com que a criança aprenda sem perceber que está estudando, desenvolvendo suas funções motoras, cognitivas, intelectuais, sociais, dentre outras.

A memória da criança começa a se desenvolver no momento em que está brincando e quando esses jogos são desenvolvidos com um intuito educacional o aprendizado torna-se mais significativo. “A introdução do lúdico na vida escolar do educando é uma maneira muito eficaz de repassar pelo universo infantil para imprimir-lhe o universo adulto, nossos conhecimentos e principalmente a forma de interagirmos” (SALOMÃO; MARTINI, 2007. p.4).

Nesse sentido, quando a criança participa de atividades lúdicas na escola começa a desenvolver sua interação social com os colegas e é a partir desse dinamismo que o educador passa a observar os alunos, tendo a oportunidade de identificar dificuldades que alguma criança possua ou enfrenta ao ter contato com diversas crianças ao mesmo tempo.

É preciso escolher atividades significativas, não pode ser uma brincadeira sem sentido e sem um objetivo. Assim, a ludicidade exerce um papel educativo, tendo o educador o papel de planejar e explicar aos alunos o objetivo das brincadeiras desenvolvidas na sala de aula.

Desse modo, o Referencial para a Educação Infantil foi elaborado com base na pluralidade e diversidade da nossa sociedade, consistindo em apenas uma proposta, assim não é obrigatório, mas oferece subsídios aos sistemas educacionais na elaboração de documentos escolares condizentes com sua realidade, favorecendo assim a uma troca de experiências e propostas curriculares entre as instituições, norteadas as práticas pedagógicas.

Esse documento define dois âmbitos de experiência necessários para o desenvolvimento infantil: formação pessoal e social, que diz respeito às ações que contribuem para a construção do sujeito, corroborando para o desenvolvimento de suas capacidades, na interação com o outro e consigo mesmo, baseada em três preceitos: aprender a conviver, a ser e a estar consigo mesmo e com o outro (BRASIL, 2009).

O segundo eixo diz respeito ao conhecimento de mundo, considerando as diferentes linguagens expressas pelas crianças, apreciando alguns aspectos da cultura, entendida como conjunto de códigos e produções simbólicas. O domínio dessas diferentes linguagens favorece no entendimento das expressões das crianças.

Para o desenvolvimento desses dois âmbitos de experiências educativas consideradas essenciais para as crianças, o referencial destaca os seguintes eixos de trabalho: Movimento, Artes visuais, Música, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade, Matemática, assim escolhidos por fazerem parte da produção cultural humana, enriquecendo as condições de inseri-los na sociedade.

A fim de ampliar a concretude das atividades intencionais educativas, os componentes curriculares organizaram objetivos que auxiliam na seleção de conteúdos e meios didáticos. Estabelecendo objetivos, o professor pode se atentar para as diversidades, podendo detectar diferentes formas de aprendizado. Embora cada criança seja diferente, possuindo especificidades próprias, é função educativa propiciar condições que possibilite o desenvolvimento integral de toda criança. Todo processo educativo precisa ter objetivos.

Considerando que não há aprendizagem sem conteúdos, os referidos conteúdos tratados nesse Referencial vão além de conceitos e valores, apontando a necessidade de se trabalhar intencionalmente e de forma integrada com conteúdos que na maioria das vezes são tratados de forma inconsciente. Foram elencadas categorias de conteúdos para serem desenvolvidos: os conteúdos conceituais, que diz respeito à apropriação de conceitos; os conteúdos procedimentais referem-se ao “saber fazer” e os conteúdos atitudinais estão associados a valores, atitudes e normas.

Como já mencionado, os Referenciais não são prescrições, norteam as práticas pedagógicas levando em consideração conhecimentos que se dão na troca com o outro,

apontando caminhos a serem seguidos. O documento aqui analisado seleciona algumas atividades permanentes correspondentes às necessidades básicas das crianças:

Brincadeiras no espaço interno e externo, roda de história, roda de conversas e ateliês ou oficinas de desenho, pintura, modelagem e música, atividades diversificadas ou ambientes organizados por temas ou materiais à escolha da criança, incluindo momentos para que as crianças possam ficar sozinhas se assim o desejarem, cuidados com o corpo”. (BRASIL, 2009, p. 55).

Dessa forma, é importante que as escolas infantis estabeleçam uma rotina que tenha como prioridade a brincadeira, as histórias, para que desde cedo seja cultivado o hábito da leitura e incentivo à imaginação e criatividade, oportunizando o desenvolvimento de atividades diversificadas para assim desenvolver integralmente as crianças.

Em se tratando de avaliação na Educação Infantil, os referenciais baseados na LDB 9394/96, abordam a avaliação como instrumento que deve permitir o acompanhamento do desenvolvimento das crianças, por meio de registros sem a pretensão de aprovação ou qualificação, conforme a Seção II, artigo 31 do referido documento. (BRASIL, 1996). Ainda sobre o ato de avaliar as Diretrizes Curriculares Nacionais, apontam o seguinte:

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc. (BRASIL, 2009, p. 18).

Deste modo, a avaliação na EI deve ser planejada mirando os objetivos, além de processual e contínua. Por meio de registros, pelo acompanhamento do desenvolvimento na realização de atividades, o professor verificará se eles foram alcançados, por tanto, a avaliação de crianças está ligada a observação cuidadosa do professor, por isso é indispensável que os profissionais de educação conheçam as condições avaliativas dessa etapa de ensino. É corriqueira a adoção de portfólios com objetivos a serem atingidos pelas crianças por bimestre.

Ainda nas palavras de Teixeira (2013), o trabalho pedagógico voltado para a EI deve ter como foco principal a criança, assim, a tomada de decisões, a forma de avaliar e o planejamento devem levar em consideração esse pequeno ser em formação. Dessa forma, a educação da criança na perspectiva pedagógica implica: “A dimensão do cuidado, compreendido como o atendimento de todas as demandas, independentemente de sua origem;

Em tomar a criança como ponto de partida e eixo para a organização do trabalho na educação infantil” (p. 38).

A Educação Infantil deve propiciar que as crianças se tornem cada vez mais independentes e confiantes, desenvolvendo hábitos de saúde com o próprio corpo, ampliar a comunicação por meio da afetividade, expandindo as relações sociais, brincando e explorando o ambiente, expressar suas emoções, sentimentos, desejos, necessidades e conhecer algumas manifestações culturais.

No próximo item, iremos analisar como as concepções de criança e infância foram sendo transformadas ao longo dos anos. É necessário destacar a diferença entre esses termos: infância diz respeito à fase da vida pela qual todos nós passamos, e criança como um sujeito social e histórico.

1.3 Concepções de criança/infância

Eu sou criança, sei contar estrelas
e elas me contam versos de voar...
As noites de quintais são sempre belas
quando as nuvens retornam para o mar.
Preciso apenas de umas passarelas
de cores vivas para desfilar
o amor, a paz, a vida e as aquarelas
que a lua me ensinou a desenhar.
Não quero a fome, a sede, as tristes bombas
e nem os nevoeiros, feitos sombras,
nos olhos dos meus pais... Felicidade
é um passarinho livre no arvoredo,
é caminhar ao sol sem sentir medo
e adormecer no chão da liberdade.
(Nathan de Castro)

O conceito de infância está diretamente ligado à função social que a Educação Infantil foi adquirindo com o passar dos anos. De acordo com Kramer (1999, p. 207), “histórias, ideias, representações, valores, modificam-se ao longo dos tempos e expressam aquilo que a sociedade entende em determinado momento histórico por criança, infância, educação, política de infância e instituição de Educação Infantil” (KRAMER, 1999, p. 207).

Dessa forma, até a criança ser entendida em sua amplitude, necessidades e especificidades, várias formas de entender a infância foram sendo agregadas a esse pequeno ser. Para compreender as implicações dessa etapa da vida, faz-se necessário um olhar para o passado.

A criança sempre existiu em toda a história da humanidade, mas as especificidades dessa fase da vida nem sempre foram levadas em consideração. Afirmar que a criança é um ser social, significa reafirmar que ela é um ser histórico, pertencente a um grupo e que possui uma linguagem decorrente de suas relações sociais (KRAMER, 2002).

Então, como um ser social, que produz história e cultura, a criança tem a capacidade de aprender, para isso torna-se necessário compreender suas especificidades, enxergá-las como possuidora de ideias próprias, pensar a educação a partir da própria criança enquanto ser autônomo e com características específicas dessa idade.

As crianças na Idade Média eram vistas como adultos em miniatura, a infância era concebida como ineficaz. Como a criança era guiada pelo adulto, ela era considerada incapaz. Pode-se afirmar que nesse período não havia infância nem tampouco crianças. Conforme assevera CORTEZ (2011, p. 2),

Na Idade Média, a infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, frequentava ambientes noturnos, bares etc.

Assim, mudavam-se as vestimentas, havia a diferenciação entre meninos e meninas, aumentavam as responsabilidades, as relações sociais eram ampliadas, a elas eram ensinadas um ofício. O papel da criança era definido segundo as expectativas que os adultos depositavam nelas.

Como o cuidado com as crianças era inexistente, as condições de higiene e saúde eram precárias, já que elas eram consideradas adultas. Era crescente o número de mortalidade infantil, sendo considerada como um acontecimento natural, a infância na Idade Média não existia, e as crianças que haviam morrido não mereciam nem serem lembradas (ARIÈS, 1981).

É no século XVII que a concepção de infância e criança começa a mudar, iniciando-se então os primeiros estudos sobre a psicologia infantil, buscando compreender melhor o mundo da criança, em suas necessidades próprias para assim falar em uma educação com métodos próprios para elas.

Rousseau foi um grande contribuidor para a compreensão das especificidades da infância nessa época, afirmando que a criança tem um mundo próprio e não pode ser resumida sobre o reflexo do adulto. Ele concebe a infância como uma fase imaginativa, criadora e

inocente, características que deveriam ser cultivadas para o desenvolvimento das potencialidades da criança (ROUSSEAU, 1999).

Então, ao falarmos de criança e infância, não podemos deixar de lembrar que essa fase é marcada por características e expressões próprias, por isso, independente do conceito de infância que a sociedade pregue, ela tem direito de ser respeitada e de ter acesso às condições básicas para o seu desenvolvimento. Vale lembrar que segundo os Referenciais, a brincadeira é indispensável à infância; o faz de conta, a imaginação, faz com que elas aprendam:

[...] a fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro. Brincar funciona como um cenário na qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida, como também transformá-la (BRASIL, v. 01, 1998, p. 22).

Desta forma, a infância representa a possibilidade de ser criança, a oportunidade de brincar, de aprender com o outro, de ser cuidada, de ser vista como um cidadão possuidor de direitos, que assim como qualquer pessoa, tem vontades e necessidades. Ser criança é ter seu lugar reconhecido no mundo.

Passaremos agora ao último item desse capítulo, que abordará a importância do desenho infantil como forma de representação para as crianças, considerando esse instrumento como importante fonte de comunicação e expressão.

1.4 O que representa o desenho infantil

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
(Aquarela- Vinícius de Moraes)

Considerando o desenho como linguagem gráfica e ferramenta indispensável para o desenvolvimento infantil, como forma da criança se expressar e instigar a sua criatividade e imaginação, buscamos compreender a importância do mesmo na Educação Infantil.

O mundo da criança é marcado pelo encantamento dos contos de fada, magia essa representada em seus desenhos, que se constitui como prática presente na história da humanidade. Por meio do desenho a criança se comunica, expressando seus pensamentos,

sentimentos, como elas veem o mundo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais e afetivos.

Os cabelos coloridos de verde, amarelo e laranja, ou ainda a pele azul, a árvore vermelha, o cachorro rosa, que tanto vemos ser reprimido, por não existir cabelo colorido, árvore que não seja verde, pele que não seja marrom ou clara, quem já viu então um cachorro cor de rosa? Essas e mais algumas regras de como pintar podam a imaginação e a ação criadora da criança, o que não parece certo para o mundo adulto é para ela, a forma como vê o mundo, um mundo que cada um pode ser da cor que quiser.

Assim, o desenho é a primeira forma de expressão gráfica da criança, antecedendo a leitura e a escrita, constituindo-se para ela como uma linguagem que assim como a fala, se caracteriza como uma forma de dizer o que está sentindo (MOREIRA, 1984). O desenho então dá sentido ao que a criança sente e pensa, é pois, a representação de um sentimento que muitas vezes não pode ser falado.

Há autores que entendem o desenho como um signo, carregado de pistas por meio de seus traços e cores. A ação de desenhar é o resultado de uma ação intencional, que ainda não foi expressa (DERDYK, 1990). Assim, a criança desenha o que sente e esse desenho retrata uma expressão, seja de alegria, de medo, de vontade ou de dor. Conforme Hanaver (2006, p.4):

Ao desenhar a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel imprimindo traços. Quando pega pela primeira vez esse objeto mágico a criança o experimenta como um brinquedo.

Segundo a autora, toda criança registra sua marca, seja nos rabiscos na parede, seja com giz num chão ou mesmo com lápis de cor e um papel. A criança desenha por prazer, ou conforme Moreira (1984), o desenho é considerado para os pequenos como uma brincadeira, que por se tratar da Educação Infantil, deve estar presente em todos os momentos.

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil entendem o desenho como linguagem infantil (BRASIL, 1998), possibilitando a significação de mundo para as crianças. Podemos então definir o desenho como um caminho entre o real e o imaginário, em que as crianças externam algo ainda interno.

Desenhar é, pois, embarcar numa fantástica aventura para conhecer a si próprio, o outro e o mundo que nos rodeia (HANAVER, 2006, p.4). Desta forma, é preciso romper com a

ideia de reduzir o desenho a uma atividade gráfica limitada ao papel e lápis, pois ele é uma forma de expressão particular da criança.

Na esteira das ideias de Derdyk, “é gostoso observar a criança em ação, a maneira com que ela se relaciona e se posiciona com o papel, o lápis na mão, coreografando gestos mais íntimos e secretos, gestos mais comunicativos e sociais” (1993, p.129). Seus olhos brilham, sua felicidade resplandece devido a vontade de desenhar.

Qual então o significado do desenho para as crianças? Conforme já mencionado aqui, o desenho é uma forma da criança se descobrir, descobrir o outro e o mundo, aprendendo a comunicar-se, a se expressar, o desenho nos conta quem a criança é, o que ela gosta e não gosta, do que ela sente medo, seus desejos. Cada criança tem um jeito próprio de transpor no papel o que ela considera importante, devendo ser valorizado e não reprimido. Vamos deixar a criança pintar da cor que ela quiser!

Dessa forma, não podemos deixar de considerar o desenho como ferramenta por meio da qual a criança apropria-se do mundo, externando e expressando sentimentos. O desenho é então cultural, caracterizando-se como linguagem desde o homem pré-histórico. Desenhar faz parte da vida da criança e é inerente para o seu desenvolvimento. No próximo capítulo, falaremos sobre o caminho metodológico percorrido para atingir os objetivos desta pesquisa.

CAPÍTULO II

LINHAS DA PESQUISA



A beleza de ser criança
 É ter esperança
 Acreditar
 E, acima de tudo, sonhar
 Por um mundo melhor.
 A beleza de ser criança
 É a inocência
 E crer na essência
 Da felicidade.
 A beleza de ser criança
 É um olhar sincero
 Um abraço apertado
 E um beijo molhado.
 A beleza de ser criança
 É acreditar em tudo que lhe falam
 É ter pureza em seu olhar
 E a incrível emoção de brincar.

(Vitória Brito Pereira Rufino)

Neste capítulo, falaremos da caminhada metodológica para o desenvolvimento do presente trabalho, partindo da descrição do tipo de pesquisa, em seguida falaremos sobre o local e os participantes desta, técnicas e instrumentos de coleta de dados, e no último item desta trilha metodológica, abordaremos sobre a análise de dados.

De acordo com Minayo (2001, p. 16), “entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Assim, para realizarmos esse trabalho, entendemos por metodologia uma trilha sistemática a ser seguida em busca dos objetivos traçados. É como se tivéssemos traçado um mapa para chegar de forma satisfatória ao destino estabelecido.

Neste capítulo, trazemos a sistemática de pesquisa realizada a fim de atingirmos nosso objetivo norteador, analisar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola. Além de estudos teóricos, realizamos oficinas de desenho e entrevista com as crianças. Para a realização desse trabalho, buscamos refletir durante todo o processo o que representa a escola de Educação Infantil para as crianças. Seguiremos agora descrevendo a pesquisa realizada.

2.1 Caracterização da pesquisa

Pesquisar é buscar compreender algum aspecto do mundo ao nosso redor que nos intriga e desperta nossa curiosidade, pesquisamos para desvelar o escondido e compreender o que ainda não está esclarecido. A pesquisa consiste, portanto, numa atividade humana

indispensável ao ambiente universitário, local em que deve estar presente o ensino, pesquisa e extensão.

Dessa forma, para a realização dessa pesquisa, buscamos analisar o desenho infantil sobre a escola, identificar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre o ambiente escolar e refletir sobre as necessidades e expectativas das crianças com as propostas voltadas sobre a Educação Infantil.

Assim, visando alcançar os objetivos desse estudo, realizamos uma pesquisa do tipo qualitativa, que segundo Richardson (2009), busca compreender uma realidade que não pode ser quantificada, ou, ainda conforme Minayo (2001, p.22), “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”. Esse tipo de pesquisa não se preocupa em representatividade numérica, mas em aprofundar a compreensão das relações de um sistema complexo de significados (NEVES, 1996), buscando, pois, desvelar aquilo que está oculto, dando significado as coisas.

Desta forma, por fazer parte da pesquisa social, estamos interessados na espontaneidade de expressão das pessoas, na forma como elas demonstram o que compreendem, como veem e como acham que deveria ser um fato social, buscando compreendê-lo com mais profundidade.

Como o presente estudo está pautado no objetivo de analisar as percepções que as crianças de Educação Infantil têm sobre a escola, definimos o estudo de caso como estratégia de pesquisa. Nas palavras de Yin (2005, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real”.

Assim, o estudo de caso tem por objetivo compreender ações do dia a dia cujos limites não estão ainda claramente definidos, a fim de formular ou desenvolver hipóteses e teorias, explicando os motivos de determinado fenômeno em situações que não podem ser resumidas a levantamentos ou experimentos. É, pois, um estudo mais profundo, feito através de um determinado olhar, para entender como funciona determinado evento.

Ainda sobre o estudo de caso, conforme Babbie (2003, p. 73), “é uma descrição e explicação abrangentes de muitos componentes de uma determinada situação”. E para Yin (2005, p. 32), esse tipo de método é usado para “[...] lidar com condições contextuais”, escolhendo esse recurso por não buscar um resultado exato de investigação, mas sim pela compreensão de um dado contexto.

Considerando que as crianças estão sendo inseridas no ambiente escolar cada vez mais cedo, voltamo-nos para a importância de ouvir a sua voz, como expressão do seu pensamento a respeito do que representa a escola infantil para elas. Para tanto, utilizamos como estratégia

para identificar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola respaldado na interpretação a partir do desenho, seguida de entrevista semiestruturada.

Trilhamos sobre a ideia de Triviños (1987, p. 152), que estabelece que esse tipo de coleta de dados “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações. Com isso, a técnica de estudo de caso permite uma investigação da realidade para compreendê-la em sua totalidade, significando os acontecimentos, considerando os dados reais os mais relevantes para a pesquisa.

A escola infantil deve cultivar a imaginação das crianças, dar ênfase no brincar, na ludicidade, pois tudo ali é muito novo, elas saem de um ambiente onde conheciam a todos, onde brincavam o tempo todo, agora elas são inseridas em um novo contexto, com novas pessoas, a aprendizagem para elas deve estar atrelada ao mundo de criança, a brincar, a cantar, a sorrir e a imaginar.

Por isso, consideramos aqui o desenho como importante mecanismo de comunicação para as crianças, pois segundo Vygotsky (1998), o desenho deveria ser um estágio preparatório para o desenvolvimento da linguagem escrita dos pequenos. O desenho como possibilidade de expressão da criança marca o desenvolvimento infantil, ela projeta no seu desenho aquilo que pensa, como ela observa algo e como compreende aquilo.

Estamos pensando na criança como detentora de direitos, construtora de conhecimentos, possuidora de cultura, capaz de se expressar através do brincar, dos seus gestos e por meio da sua fala. Assim, a escola de Educação Infantil precisa dar condições para que as crianças se desenvolvam integralmente. Compreendendo a criança como sujeito de sua própria história, a educação infantil precisa ser pensada de forma diferente das demais etapas de ensino, pois esta visa desenvolver integralmente o indivíduo.

Apresentamos neste tópico a caracterização da pesquisa como sendo uma abordagem qualitativa, utilizando como estratégia o estudo de caso, em seguida falaremos sobre o local e os participantes desta. Inicialmente, apresentaremos as características do local da pesquisa, que por motivos éticos, terá a sua identidade preservada. A seguir, trataremos sobre os partícipes da pesquisa.

2.2 Local e participantes da pesquisa

A escola desempenha uma função essencial na formação de novos cidadãos. A condição social de criança e de jovem associa-se à sua vida escolar, pois nessa instituição são transmitidos saberes e valores sociais. Conforme assevera Klein e Pátaro (s/d, p. 3), “o papel da escola estende-se para muito além da transmissão de conteúdos”, é preciso pensar em uma escola que prepare nossas crianças para uma vida política, no sentido de participar ativamente da sociedade.

Nosso campo de pesquisa foi uma escola de Educação Infantil localizada em Picos-PI, que por motivos éticos, vamos denominar com o nome fictício de *Escola Jardim*. Escolhemos essa escola para ser nosso campo de estudo, pois a mesma atende crianças de 2 a 5 anos de idade nessa etapa de ensino.

A escola escolhida possui uma estrutura ampla, com biblioteca, brinquedoteca, banheiros infantis adaptados, salas de aula climatizadas, auditório, praça de alimentação, quadra para atividades físicas, recepção, sala de professores, diretoria, sala de coordenação, sala para atendimentos com fonoaudióloga, nutricionista e psicóloga.

Os participantes escolhidos para a pesquisa são crianças que estão matriculadas na turma Infantil III, somando 23 crianças, sendo 13 meninos e 10 meninas, com 3 anos de idade. Destes 23 alunos, foram escolhidas aleatoriamente 5 crianças, sendo 3 meninas e 2 meninos. Para preservar a identidade das crianças, utilizaremos os seguintes codinomes: *Doçura, Encanto, Serenidade, Pureza e Esperança*.

Passaremos a próxima sessão onde serão abordados as técnicas e os instrumentos de coletas de dados.

2.3 Técnicas e Instrumentos da pesquisa

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o bê-a-bá
Em todos os desenhos
Coloridos vou estar
A casa, a montanha
Duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel.
O caderno (Toquinho).

O primeiro passo para a coleta de dados consistiu na autorização da escola e dos pais das crianças para a realização da referida pesquisa. Tanto a escola como os pais dos alunos receberam um termo de autorização explicando os fins do estudo. Seguindo esses protocolos, começamos a realizar as oficinas de desenho.

Para a realização da coleta de dados, foram escolhidos os seguintes instrumentos: observação participante, que conforme Gil (2008, p.103), “é a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”, possibilitando captar gestos e expressões. Com essa técnica, podemos analisar as crianças enquanto eles desenhavam, se mostravam-se felizes, se cantavam, se não queriam desenhar.

Utilizamos também oficinas de desenho, pois consideramos uma representação da expressão das crianças, em que elas representam não só o que veem, mas como veem e como sentem, marcando o desenvolvimento infantil. Para embasar nossa colocação, recorremos a Sio (s/d, p.8), que explica que

O desenho, além de ser fruto de uma ação motora, manifesta um ritmo biopsíquico, proveniente de uma ordem imperiosa que vem lá de dentro. A repetição visa automatizar, incorporar, dominar um gesto adquirido, um movimento inventado, um rabisco criado.

O desenho é, pois, uma ferramenta indispensável para o entendimento do pensamento infantil. A criança desenha para se divertir. Para ela, desenhar consiste em um jogo em que ela mesma dita as regras, com qual cor pintar, o que desenhar. Quando a criança desenha, ela conta histórias, canta músicas, bem como expressa sentimentos que até então não tinha demonstrado. O desenho é, pois, uma das representações de mundo para as crianças.

Outro procedimento foi a entrevista semiestruturada com as crianças através de uma conversa coletiva após a realização dos desenhos. Essa etapa foi de essencial importância, pois podemos explorar o que elas desenharam, bem como compreender o que e como elas quiseram expressar por meio do desenho.

Optamos por esse tipo de entrevista por se tratar de um instrumento flexível de coleta de dados, na medida em que, a partir das indagações norteadoras, outras vão surgindo, a partir das respostas dos ajudantes da pesquisa. Na esteira das ideias de Yin (2005), as entrevistas são essenciais fontes de informação nos estudos de caso, pois o pesquisador pode esclarecer perguntas, avaliar os gestos, as expressões, compreender de forma mais profunda o que não se pode observar em documentos escritos.

Falaremos agora mais detalhadamente sobre as oficinas realizadas para coleta de dados da pesquisa, tendo em vista o alcance dos objetivos propostos. Essa opção justifica-se pelo alcance didático da técnica do desenho, especificamente por se tratar de uma abordagem a crianças inseridas no Infantil III (turma de crianças de três anos).

A primeira oficina foi realizada no dia 8 de Setembro de 2017. Em uma roda com as cinco crianças, pedimos para que elas fizessem um desenho da forma como quisessem de sua

escola (**Imagem 01**); em seguida, conversamos sobre o que elas tinham desenhado, de modo que iam apontando todos os elementos por elas representados.

Imagem 01

Imagem 1.1

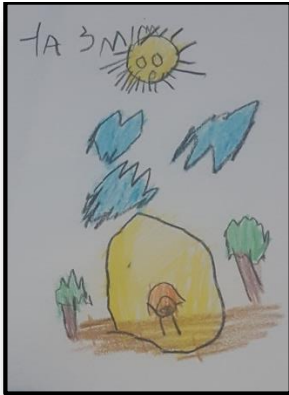


Imagem 1.2



Imagem 1.5



Imagem 1.3



Imagem 1.4



Fonte: dados da pesquisa (2017).

Na imagem 1.1, a criança aqui chamada de *Doçura*, representou no seu desenho a sala de aula. Ela mesma fez também árvores, nuvens e o sol. Na imagem 1.2, a criança chamada de *Encanto* desenhou a escola bem grande, com vários quadrados que representam outros espaços da escola; desenhou o sol, alguns coleguinhas... o que mais chama a atenção é que a mesma registra no seu desenho que ela entra na escola e os pais ficam fora.

Ainda sobre os desenhos, a terceira criança, *Serenidade*, também desenha a escola de forma ampla, em um dia de sol e chuva, com árvores e outras crianças, conforme representado na imagem 1.3. *Pureza* desenha a escola como se fosse uma casa, com várias janelas, duas crianças, que ele diz ser ele e a Margarida (amiguinha da escola), como visto na imagem 1.4. Por fim, *Esperança* colore seu papel representando a escola fechada, com nuvens e sol.

Dando continuidade a realização das oficinas, no dia 12 de Setembro, as crianças desenharam o que mais gostavam de fazer na escola (Imagem 02). Nessa oficina, foi possível percebermos o registro do lugar preferido das crianças, a brincadeira preferida, bem como o coleguinha que mais gostavam, o lugar mais bonito, o que mais gostam na escola, o que não

gostam de fazer, etc. Durante a oficina, umas olhavam o desenho das outras, perguntavam que coleguinha estavam desenhando, observando as características de cada uma, dizendo o que estava faltando; nesse momento elas sorriam, demonstravam prazer em realizar a atividade. Após terminarem, conversamos sobre o que haviam desenhado.

Imagem 02



Fonte: dados da pesquisa (2017)

Como pode ser observado, as crianças coloriram o que mais gostavam de fazer na escola. A imagem 2.1 pertence à *Doçura*, e nela está representado o espaço da sala de aula, com TV, as estantes, mesas e cadeiras, armário, alguns coleguinhas e suas professoras. Na imagem 2.2, *Encanto* desenha brincando no espaço do parquinho, no escorrega e pula-pula com alguns amiguinhos.

Serenidade desenha brincando na brinquedoteca bem colorida, com seus amiguinhos (Imagem 2.3). *Pureza* representa o espaço da sala com vários amigos, com televisão, suas professoras. O que chama a atenção é que ele desenha o espelho da sala com as crianças vendo os seus reflexos (Imagem 2.4). Por fim, *Esperança* também representa o espaço do parquinho, a fila das crianças indo ao parque e os brinquedos (imagem 2.5).

Após cada oficina, conversávamos sobre os desenhos com as crianças, para compreendermos o que elas haviam desenhado. Usamos algumas questões nortedoras: (1) O que você desenhou? (2) O que você vem fazer na escola? (3) O que gosta de fazer na escola? (4) Qual o lugar mais bonito? (5) Que lugar você não gosta? (6) O que você não gosta de fazer? (7) Qual a melhor coisa na escola? (8) Qual a pessoa que você mais gosta? (9) Tem alguma coisa que você não gosta de fazer? (10) Tem alguém de quem você não goste?

É importante dizer que as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a devida apreciação do conteúdo na etapa de análise dos dados, a qual trataremos na sequência desse capítulo. Explicado os instrumentos e as técnicas de coletas de dados, passamos agora ao próximo item em que trataremos da análise de dados.

2.4 Análise dos dados

O ato de pesquisar tem por objetivo desvelar e construir novos conhecimentos. Para que esse fim seja alcançado, devemos projetar o caminho a ser seguido. A fase de análise de coleta de dados é o momento em que mostramos como desenvolvemos nossos objetivos de pesquisa, sendo assim o aspecto mais complexo de todo o processo de investigação de qualquer estudo. Segundo Gil (1999, p. 168):

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Assim, como caminho a ser seguido para a realização de uma pesquisa científica, é necessário o desenvolvimento de diversas etapas. Em se tratando de pesquisa qualitativa, escolher um método e uma técnica para analisar os dados colhidos deve possibilitar um olhar multifacetado sobre os mesmos, pois vários são os significados de um dado de pesquisa, seja ele escrito, oral, iconográfico.

Desta forma, para analisar os dados desse estudo, optamos pelos procedimentos de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011), se caracteriza como um conjunto de técnicas que possibilita a análise das comunicações por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos presentes nas mensagens, tendo como objetivo compreender o ou os sentidos das mensagens.

É preciso considerar que várias são as formas de comunicação do ser humano, permitindo assim ao pesquisador da pesquisa qualitativa interpretações que vão além do que está transcrito nas mensagens. Esse tipo de análise tem como ponto de partida a comunicação, que é feita sempre a partir da mensagem e tem por objetivo a produção de inferências.

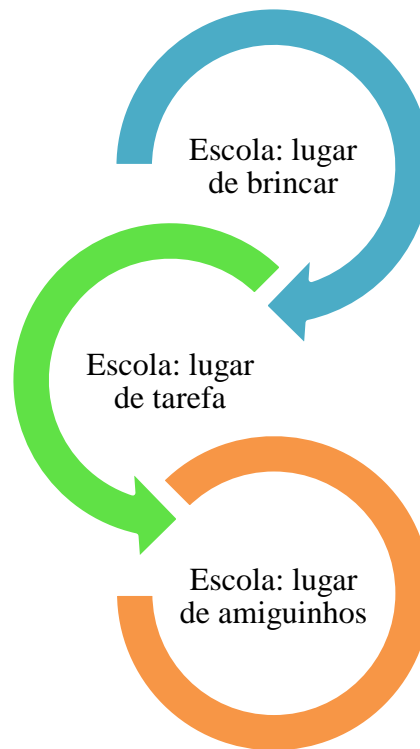
Assim, as inferências extrapolam as suposições acerca da mensagem. O pesquisador busca compreender o que está sendo transcrito nas entrelinhas da mensagem, preocupando-se em buscar respaldo teórico com diferentes concepções de mundo, partindo da realidade concreta, situados em um contexto histórico e cultural.

Segundo Bardin (2011), esse procedimento de análise de dados deve possuir 3 fases principais: pré-análise, que é o momento em que o pesquisador tem um primeiro contato com os documentos que serão analisados, bem como a escolha deles, a criação de hipóteses e a fase de organização; a segunda é caracterizada como exploração do material. É nesta fase que as unidades de decodificação são escolhidas, a escolha de categorias que vamos tratar de forma mais detalhada a seguir; e, por fim, o tratamento dos resultados. Aqui o pesquisador procura tornar o tema mais significativo, devendo ir além do que está escrito nos documentos, pois é o que está oculto que interessa ao pesquisador.

Nesse intuito, é necessário passar por um processo de redução de dados que devem atender a alguns critérios: exaustividade, possibilitando a inclusão de todos os dados de análise; exclusividade, em que um dado é classificado em apenas uma categoria; validade, devendo ser adequada e pertinente; objetividade, em que as regras de categorização são explicadas com clareza; e homogeneidade, que possui uma única dimensão de análise.

É importante destacar que a seleção desses critérios deve acontecer durante o processo de análise de dados, oferecendo uma representação mais simplificada dos mesmos. Assim, a categorização dos dados de uma pesquisa só pode ser feita após a coleta de dados. Findado o processo de coleta desta pesquisa, e os estudos realizados, definimos as categorias de análise de dados: Categoria 1. Escola: lugar de brincar Categoria 2. Escola: lugar de estudar e, Categoria 3. Escola: lugar de amiguinhos (**Figura 01**).

Figura 01: Categorias de análises



Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Após a estruturação das categorias de análises, passamos a refletir sobre as necessidades e expectativas das crianças com as propostas voltadas sobre a Educação Infantil, a partir dos relatos colhidos nas entrevistas realizadas após as oficinas de desenhos. Essa discussão segue no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

A ESCOLA É...



Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (BRASIL, 2013, p. 18).

Reservamos esse capítulo para expor a análise dos dados dessa pesquisa, que foi realizada por meio de duas oficinas de desenhos, seguidas de entrevista com as crianças participantes. Nesta etapa, analisamos os dados colhidos a partir dos desenhos infantis e das falas. Essas informações foram confrontadas com o aporte teórico que alicerça a construção desse estudo científico.

Sendo nosso interesse discutir sobre o que representa a escola de Educação Infantil para as crianças, trazemos nesse contexto a necessidade de mais estudos acerca do que estas pensam sobre a escola, como é e como elas gostariam que fosse, considerando que as crianças estão entrando na escola cada vez mais cedo, faz-se necessário ouvi-las.

Para que possamos compreender de forma mais clara o que as crianças percebem da escola, fomos construindo conceitos ao longo das oficinas e entrevistas realizadas. Assim, na primeira oficina, pedimos para que elas desenhassem a escola como quisessem; na segunda oficina, solicitamos que desenhassem o que mais gostavam de fazer na escola. Analisamos a seguir os desenhos e as falas das crianças sobre estes.

3.1 Escola: lugar de brincar

A ansiedade em torno da trajetória escolar infantil está cada vez mais crescente nos dias atuais. Com isso, as crianças estão sendo inseridas precocemente nesse ambiente, pois, desta forma, a sociedade³ acredita que elas estão tendo um ensino eficaz e com qualidade. Aumentam as expectativas, antecipam-se as responsabilidades e diminui o tempo de ser criança, com conteúdos a aprender, em ter que saber ler e escrever cada vez mais cedo, para assim terem um futuro promissor, com uma boa profissão, que geralmente é “ser doutor”. Mas afinal, o que as crianças querem?

De fato, as crianças entram na escola cada vez mais cedo, passando bastante tempo por lá. Em consequência, é preciso que a escola seja um lugar divertido, acolhedor, alegre, e ao mesmo tempo, instigador e desafiador. De acordo com Oliveira (2000), o brincar vai muito

³ Quando me refiro à sociedade inclui-se também a escola considerando-a parte integrante da sociedade.

além de uma atividade recreativa, é uma forma de desenvolvimento em que a criança se comunica e se expressa. A brincadeira está presente na vida da criança. É brincando que ela aprende a explorar o mundo, a recriar, a inventar, a imaginar, a sonhar, a aprender. Assim, deve estar presente no ambiente escolar.

Para que possamos subsidiar de forma mais clara a escola como lugar de brincar, o que dizem as crianças quando questionamos: O que você mais gosta de fazer na escola?

Encanto: Gosto de ir pro parquinho. Desenhei a escada do escorrega.

Serenidade: Eu gosto da brinquedoteca, de brincar de boneca. Fiz os coleguinhas.

Esperança: Os brinquedos.

Pureza: Eu brinco.

Doçura: De brincar no parquinho.

A brincadeira, seus elementos, os brinquedos, as atividades de brincar estão no centro das colocações. As crianças *Encanto* e *Doçura* relatam que o que mais gostam de fazer na escola é ir ao parquinho, o que nos diz que, a partir das falas destas, a percepção que elas têm de escola é que se trata de um lugar de brincar. Porém, embora tendo orientações sobre a importância de brincar, a rotina escolar não permite que esses horários sejam cumpridos. De acordo com as nossas percepções, durante a observação participante, as crianças vão ao parquinho uma vez por semana, o que nos mostra que os pequenos vão à escola brincar; no entanto, o tempo disponível para os momentos recreativos estão cada vez mais reduzidos.

O reconhecimento da brincadeira como forma de aprendizagem e possibilidade do desenvolvimento infantil nos mostra que, apesar de considerados os avanços sobre as concepções de criança e infância, a brincadeira ainda não tomou as proporções necessárias para ser considerado mecanismo essencial de aprendizagem na Educação Infantil. Na esteira das ideias de Toledo (2008), as escolas separam os momentos de brincar dos momentos que são para aprender, desconsiderando a função educativa do brincar. Porque separar? Porque não podem brincar e aprender ao mesmo tempo?

Ainda sobre o que as crianças mais gostam de fazer na escola, *Serenidade* relata que gosta da brinquedoteca e de brincar de boneca. Na brinquedoteca, as crianças podem brincar de forma livre, é espaço de socialização, construção e representação. O objetivo é que as crianças possam ser felizes, (CELY, 2002).

Esperança gosta dos brinquedos e *Pureza* diz que brinca. Os momentos reservados para o brincar na sala de aula são diários. Sempre ao chegarem na escola, as crianças brincam um determinado momento uns com os outros, com peças de encaixe, massinha de modelar, carrinhos, bonecas e jogos educativos. Todavia, é importante ressaltar que o brincar apenas na

sala de aula não é suficiente para que a criança se desenvolva, considerando que a brincadeira é uma forma de aprendizagem e deve ser explorada em todos os ambientes e de diferentes formas.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p.2 2).

Desta forma, o brincar está diretamente relacionado ao desenvolvimento infantil, e a escola como ambiente que tem por objetivo promover um ensino de qualidade deve, além de incentivar os momentos de brincadeiras, oferecer condições para que isso aconteça. A brincadeira deixa a criança feliz, faz com que ela desenvolva habilidades motoras, ensina a respeitar as regras, ajudando na aprendizagem e desenvolvimento da mesma. Brincar promove aprendizagem sim! Por meio das oficinas e entrevistas com as crianças, constatamos que por mais que elas saibam que a escola é local para estudar, em seus desenhos, o que prevalece é o brincar.

É brincando que a criança constrói e dá sentido a suas aprendizagens. A atividade do brincar dar asas à imaginação. Por meio da brincadeira, a criança representa e reconstrói a sua realidade, tendo liberdade para agir. Por meio da ludicidade também podemos romper com pensamentos machistas e preconceituosos; menino pode sim brincar de boneca, afinal, menino pode ser papai um dia, e pode ajudar a cuidar dos filhos. Menina pode sim brincar de carrinho, pois se ela quiser, um dia pode ser motorista. Várias são as contribuições e possibilidades do brincar. De acordo com Ribeiro (2002, p. 56):

Brincar é meio de expressão, é forma de integrar-se ao ambiente que o cerca. Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade.

Durante as brincadeiras, as crianças podem experimentar todos os papéis, podem ser o que elas quiserem. Brincadeira deve ser encarada de forma séria, pois conforme já mencionamos, permite o desenvolvimento das potencialidades infantis, tornando a

aprendizagem mais leve e prazerosa, afinal, são apenas crianças e criança gosta mesmo é de brincar!

Dando continuidade nas análises, abordaremos agora o que as crianças não gostam na escola e o que elas vão fazer na escola.

3.2 Escola: lugar de tarefa

Essa categoria alinha o que prevalece no ambiente escolar da Educação Infantil, no que diz respeito às práticas de ensino conteudistas. Na contramão das orientações curriculares que pautam como pilares da educação infantil: brincar, cuidar e educar (BRASIL, 1998), as instituições têm favorecido atividades de ensino em detrimento das atividades lúdicas.

A criança é um ser social e ao brincar, aprende (BROUGÈRE, 2002). A aprendizagem não precisa acontecer separada da brincadeira, considerando que para as crianças a melhor coisa na escola é brincar, a fim de torna-la um espaço atraente, esse mecanismo de aprendizagem deve ser o pilar da aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Conforme vimos no capítulo teórico deste trabalho, o conceito de criança e infância, assim como a função da escola, foram sofrendo modificações ao longo dos tempos, em virtude dos acontecimentos sociais. Antes, a escola era um lugar onde as crianças passavam algumas horas para que seus pais, sobretudo a mãe, pudesse fazer algo; agora, as crianças estão entrando no ambiente escolar precocemente e o tempo em que permanecem lá também tem aumentado.

Nesse sentido, passamos a discutir a percepção das crianças em relação à função da escola infantil, a partir do questionamento: O que você não gosta na escola?

Pureza: Quando tem que escrever o nome um monte de vezes.

Encanto: A tarefa quando é grande.

Esperança: De fazer as tarefas.

Doçura: Fazer a tarefa.

Serenidade: Quando alguém toma os brinquedos que eu tô brincando.

A criança *Pureza* relata que não gosta quando tem que escrever o nome várias vezes; *Encanto* não gosta quando a tarefa é grande; *Esperança* e *Doçura* não gostam de fazer as tarefas. Percebemos aqui que uma criança com três anos de idade já se vê obrigada a saber escrever seu nome e a ter que fazer isso muitas vezes. Esse fato nos mostra que a cobrança em cima das crianças está se tornando cada vez maior, por isso, muitas choram ou reclamam

de ir à escola. O ambiente escolar está se tornando cada vez menos atraente, e a culpa não é do professor, mas das exigências curriculares da própria instituição.

Nessa trilha, Lordelo e Carvalho (2003, p. 15) apontam que esta supervalorização da formação acadêmica das crianças pré-escolares “representa uma concepção de que a criança deve se preparar para o seu futuro desde a educação infantil, não se respeitando o bem-estar desta criança e o seu benéfico desenvolvimento posterior”.

Por sua vez, a família também acha o máximo o fato de que seus filhos saibam e consigam escrever seu nome, fazer os numerais; caso não aprendam logo, começam a achar que alguma coisa está errada, acabam não respeitando o tempo da criança e usurpando a sua infância. Além do tempo que passam na escola, devem ir à aula de reforço, aula de língua estrangeira. O resultado? As crianças estão cansadas da escola.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, a linguagem escrita desperta o interesse da criança, pois a escrita está presente cada vez mais em nosso cotidiano. Abordando ainda o fato de que essa temática não está sendo muito bem compreendida na Educação Infantil,

O trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever” (BRASIL, 2013, p. 94).

Assim, a criança deve compreender porque e para que ela está aprendendo aquilo, escrever o nome várias vezes ou realizar uma atividade grande, conforme relataram, não faz sentido para elas. A apropriação da escrita deve se dá partindo do lúdico, da contação de história, da brincadeira, para que a criança sinta prazer em fazer aquilo.

Desta forma, nos perguntamos: o que as crianças de três anos devem então aprender na escola? Não estamos criticando aqui o fato de a instituição ensinar a criança a escrever; o que salientamos é que precisamos lembrar que estamos lhe dando com crianças, e criança quer brincar, se divertir, não quer perder o encantamento da infância para ter que aprender algo que ainda nem sabe para que vai lhe servir. Ainda na discussão sobre a função da escola infantil, indagamos às crianças: O que você vem fazer na escola?

Serenidade: Eu brinco.

Esperança: Estudar, fazer tarefa e brincar com um monte de amiguinho.

Encanto: Fazer a tarefa.

Doçura: Vem brincar.

Pureza: Eu *vem* pra escola, brincar com meus amiguinhos e venho estudar.

Para as crianças, a escola é lugar de brincar. A brincadeira prevalece quando as perguntamos o que vêm fazer na escola. *Esperança e Pureza* nos mostram que vêm para a escola brincar com os amigos, mas sabem que a escola é pra estudar. *Encanto* diz que vem fazer a tarefa, o que demonstra que pra ela, estudar é realizar tarefas.

Para a criança, tudo é brincadeira; ao mesmo tempo em que ela brinca, ela aprende. A Educação Infantil é a base, podemos então dizer que é o alicerce para todo o conhecimento que a criança vai construir ao longo da sua vida. Se as experiências vivenciadas por elas forem frustrantes, elas não vão ver sentido na escola. As escolas de Educação Infantil devem priorizar o brincar como principal forma de aprendizagem.

Muitos esperam que as crianças passem o tempo todo sentadas, que não corram para não se machucarem, que não dançam, que não subam nas cadeiras. Criança pulando e se divertindo tornou-se sinônimo de sala bagunçada ou até mesmo falta de controle do professor. Estamos convivendo com crianças que precisam explorar, se movimentar para se desenvolver, não com robôs. O que dizem então os documentos legais sobre o que as crianças de três anos aprendem na escola?

Tomando por base os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, as escolas de Educação Infantil devem organizar suas práticas com o intuito de promover as seguintes habilidades nas crianças de zero a três anos de idade:

Participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências;
 Interessar-se pela leitura de histórias;
 Familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc (BRASIL, 1988, p. 21).

Desta forma, compreendemos que a escrita deve ser inserida aos poucos na vida escolar da criança pequena, entendendo o porquê e qual a função da grafia em sua vida. As escolas de Educação Infantil devem oferecer situações em que as crianças possam interagir, expressando suas vontades e necessidades, despertando antes da escrita o hábito de ler. A aprendizagem da língua escrita está diretamente relacionada ao hábito de ler. Com os livros, eles podem descrever personagens, criar, contar a história que quiserem, representar, fantasiar. É essa a leitura preconizada nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil.

No próximo tópico, analisamos a escola como lugar de brincar com os amigos segundo a visão das crianças, considerando a importância dessa interação para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

3.3 Escola: lugar de amiguinhos

Aprender a se relacionar com o outro é indispensável para cada indivíduo que participa de uma sociedade. A escola como parte integrante dela deve possibilitar situações que promovam essa socialização de modo a valorizar o respeito e as diferenças desde cedo. A socialização é de fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança desde a mais tenra idade.

O primeiro contexto educativo vivenciado pela criança é o da família. A separação dos pequenos da família como eixo educativo acontece quando ela ingressa no ambiente escolar. A partir de então, família e escola devem se ajudar a preparar as crianças para as normas e limites da vida social.

A escola como espaço formador possibilita uma troca de vivências e convivência mais ampla. A criança começa a se relacionar com outras crianças, a dividir o mesmo espaço e as atenções, estabelecendo vínculos afetivos. A escola acaba se tornando para as crianças o lugar de amiguinhos, pois é nela que eles brincam com outros, conhecem e aprendem com eles.

Por meio das entrevistas com as crianças, foi possível perceber que, nas suas vivências escolares, elas não se enxergam sozinhas, representam atividades que elas realizam com os coleguinhas. Se por um lado elas percebem a escola como espaço que tem por objetivo o estudo, por outro, elas demonstram a possibilidade de conviver com outras crianças. Perguntamos então: De quem você mais gosta na escola?

Serenidade: Da Estrela.
 Esperança: Soneca.
 Encanto: Mariazinha.
 Doçura: Da Tia Fadinha.
 Pureza: Da Florzinha.

Percebemos que todas as crianças possuem um coleguinha com quem mais se identificam e se relacionam na escola. Esse fato nos demonstra a forte influência que essa interação com outras crianças estabelece. Segundo As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil destacam a importância dessas vivências grupais a partir do momento que define a criança como um ser social que se desenvolve a partir das interações que estabelece com os outros. Assim, na Educação Infantil as crianças devem praticar atividades individuais e coletivas (BRASIL, 2009).

Participar com os outros das atividades escolares traz contribuições para o crescimento, desenvolvimento e aprendizagem da criança. Essas experiências são significativas para além

da escola, ou seja, nas situações diversas nas quais a criança atuará. Desse modo, é importante valorizar o espaço de encontro com outras crianças, outras histórias, outras vivências e, conseqüentemente, a experimentação de um amplo reservatório de potenciais mecanismos de socialização.

Assim, as interações que as crianças estabelecem com os adultos e umas com as outras desempenham um papel formador e transformador para que esta se desenvolva de forma integral. “Na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar” (BRASIL, 2009, p. 7).

Vale dizer da importância da convivência com adultos e crianças que não pertencem à família, de modo que essas experiências favorecem a percepção do outro e de sua individualidade. Em grupo, a criança aprende e ensina, desenvolve habilidades e amplia sua visão de mundo, aprende a respeitar as regras e principalmente as outras crianças, estabelecendo amizade, afeto e respeito mútuo.

Desta forma, nesses momentos em que acontece a troca de saberes entre as crianças, elas só tem a ganhar. “É importante frisar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos e negociação de sentimentos, ideias e soluções são elementos indispensáveis” (BRASIL, 1998, p. 31). Os principais eixos da Educação Infantil devem tomar por base as interações e as brincadeiras, tendo consciência da necessidade e importância do brincar. Não podemos falar de brincadeira sem frisar a importância da interação, de brincar e aprender com o outro.

Nas falas da página anterior, a criança *Doçura* menciona que gosta da *Tia Fadinha*, demonstrando o vínculo estabelecido entre ela e a professora. O educador é peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que conquistar a confiança de uma criança é indispensável. Nessa caminhada, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil aborda o significado do cuidar na Educação Infantil:

Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva. Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado (1998, v. 01, p. 30).

Em encontro com esse pensamento, cuidar assume um papel central na Educação Infantil. Cuidar aqui significa ajudar o pequeno ser em formação a desenvolver suas

capacidades, é preciso comprometer-se com o outro, considerando suas singularidades e especificidades. Por meio desse cuidar constrói-se um elo entre o professor e o aluno.

Dando continuidade à abordagem sobre as situações de socialização fundamentais na escola, questionamos às crianças: O que você mais gosta na escola?

Pureza: De ver meus amiguinhos.

Encanto: de brincar com a Serenidade.

Serenidade: Brincar com os amiguinhos.

Esperança: Estudar, fazer tarefa e brincar com um monte de amiguinho.

Doçura: De brincar no parquinho.

Para muitas crianças, a escola é o lugar onde pela primeira vez elas interagem com outras crianças. Percebemos por meio dos relatos acima, que o que elas mais gostam na escola é de brincar, mas não é brincar sozinho, e sim com os amigos. Por meio das relações estabelecidas entre os pequenos, a aprendizagem se torna mais prazerosa. As crianças vão à escola sabendo que encontrarão outras crianças, que se parecem ou não com elas, que gostam ou não das mesmas coisas, que compartilham vontades, desejos, necessidades. Crianças que estão se descobrindo e se reinventando diariamente, desenvolvendo a construção de sua identidade e autonomia.

Para que as aprendizagens infantis ocorram com sucesso, é preciso que o professor considere, na organização do trabalho educativo: a interação com crianças da mesma idade e de idades diferentes em situações diversas como fator de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se (BRASIL, 1998, p. 30).

Desta forma, a Educação Infantil tem como propósito contribuir para a formação da criança enquanto criança, considerando as diversidades e as singularidades de cada uma delas na sala de aula, estimulando a autonomia, cooperação e conseqüentemente o desenvolvimento da criticidade, permitindo que a criança possa ser autor e atriz da sua inserção social, veja e perceba o mundo e suas necessidades de transformação.

Após refletirmos sobre o que é a escola de Educação Infantil para as crianças, apresentamos nossas conclusões acerca da temática estudada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A pesquisa realizada buscou refletir sobre o que é, como era para ser e como as crianças veem a escola de Educação Infantil, considerando documentos legais e a percepção destas por meio de oficinas de desenhos, entrevistas e observação participante. Para a realização desse estudo, partimos da seguinte problemática: O que as crianças da Educação Infantil dizem sobre a escola?

Buscamos, por meio dos estudos realizados acerca da Escola Infantil, as contribuições necessárias para desenharmos as reflexões inerentes para compreendermos o fenômeno que nos propomos a estudar. Nesta caminhada, nos baseamos na escrita de alguns autores, bem como documentos que tratam da Educação Infantil.

Neste trabalho, traçamos como objetivo geral analisar as percepções que as crianças da Educação Infantil têm sobre a escola, a partir do desenho. Para o alcance do nosso objetivo, realizamos o estudo de caso com abordagem qualitativa, desenvolvido através de oficinas de desenhos e entrevistas com as crianças. Nesta caminhada, além de buscar compreensão em autores, realizamos a análise de conteúdo. Os achados da nossa pesquisa foram organizados em três categorias. Sobre elas, tecemos reflexões à luz dos autores que embasaram a nossa busca.

Na primeira categoria *Escola: lugar de brincar*, por meio dos desenhos e conversas com as crianças, recolhemos narrativas que nos mostram que para elas, a melhor coisa na escola é brincar. Por meio da brincadeira elas aprendem, se desenvolvem, e acima de tudo, são crianças. Nesse tópico, levantamos reflexões acerca da importância do brincar na Educação Infantil, devendo, portanto, o brincar estar no centro de toda a aprendizagem das crianças.

Não é preciso separar os momentos de aprender dos momentos de brincar; criança aprende enquanto brinca. Não estamos falando de qualquer brincar, mas de uma brincadeira com propósitos e objetivos, para que, brincando, elas aprendam a respeitar regras, viver em coletividade, se desenvolvam integralmente, de forma feliz, sendo crianças.

Escola: lugar de tarefa é a nossa segunda categoria. Neste momento, ouvimos as falas das crianças em relação à função da escola infantil, a partir do questionamento: O que você não gosta na escola? Aqui, verificamos que estas, desde pequenas, estão sendo preparadas para um futuro, apesar de ainda não saberem nem o que querem ser. Como resultado, a escola torna-se um lugar de tarefas. As instituições têm dado ênfase aos conteúdos e os momentos de brincar se tornam cada vez mais raros, em virtude da rotina escolar.

A terceira, *Escola: lugar de amigos*, nos mostra que, através dos relatos e desenhos, as crianças, nas suas vivências escolares, não se enxergam sozinhas. Representam atividades que elas realizam com os coleguinhas. Se por um lado elas percebem a escola como espaço que

tem por objetivo estudar, por outro, elas demonstram a possibilidade de conviver com outras crianças.

Realizar atividades em grupo contribui para o crescimento, desenvolvimento e aprendizagem da criança. Essas vivências serão levadas para além da escola nas situações diversas das quais a criança atuará. Desse modo, é importante valorizar o espaço de encontro com outras crianças, outras histórias, outras vivências e, conseqüentemente, a experimentação de um amplo reservatório de potenciais mecanismos de socialização.

A partir dos relatos colhidos e desenhados, podemos dizer que a escola de Educação Infantil deve ser um espaço lúdico de ensino para as crianças da escola infantil. O importante e essencial a ser atingido é que nesse espaço, as crianças tenham estímulo para brincar, viver e conviver com os amiguinhos, e que por meio da brincadeira, desenvolvam habilidades físicas, de coordenação motora, dentre outras.

Na pré-escola, deve-se valorizar as brincadeiras em detrimento aos conteúdos. Contudo, não estamos falando para que esses sejam deixados de lado, mas que a aprendizagem deles ocorra por meio de atividades lúdicas. É necessário dar ênfase ao brincar como principal mecanismo de aprendizagem. Pais, mães, não esperem que seus filhos na pré-escola saiam com uma gama imensa de conteúdos, pois não é esse o principal objetivo da Educação Infantil.

Para os pequeninos, tudo vira brincadeira, tudo é brincadeira, por isso não faz sentido separar os momentos de brincadeira dos momentos considerados para aprender. É preciso que as instituições de Educação Infantil não só incentivem o brincar, mas que ofereçam condições para que isso aconteça.

Não chegamos ao fim dessa discussão, pois consideramos a pesquisa como algo inacabado e que sempre se faz necessária. Muitos outros diálogos acerca do que é a escola para as crianças se fazem precisos. Acreditamos que esse estudo possa contribuir com futuras pesquisas sobre o tema. Almejamos que novos estudos possam ser realizados, a fim de aprofundar e dar continuidade a essa discussão.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.
- Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 1990. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf. Acesso em 29 de agosto de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB/CNE no 05/09, de 18 de dezembro de 2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 2009b.
- BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CELY, E. B. Brinquedoteca: Espaço Lúdico de Educação e Lazer. In: SANTOS. Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 7ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CORTEZ, Clarice Zamonaro. **As representações da infância na idade média**. Disponível: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03018.pdf>. Acesso em 05 de setembro de 2017.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HANAVER, Fernanda. **Riscos e rabiscos: o desenho na Educação Infantil.** Revista de Educação do IDEAV. Vol. 6. 2011.

KLEIN, Ana Maria ; PÁTARO, Cristina Satiê. **A ESCOLA FRENTE ÀS NOVAS DEMANDAS SOCIAIS: EDUCAÇÃO Comunitária E Formação Para A Cidadania.**

Disponível em:

http://www4.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero1/artigos/1_escola_novas_demandas.pdf. Acesso em 03 de setembro de 07.

KRAMER, Sônia. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: _____ (Org.). **Infância e educação infantil.** 2. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 269-289.

KRAMER, Sônia. **Infância e produção cultural.** Campinas: Papirus, 1999.

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A. Padrões de parceria social brincadeira em ambientes de creche. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 11, n. 1, p. 99-108, jan./abr. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em:

http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: A educação do educador.** São Paulo: Edições Loyola, 1984.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa-** características, usos e possibilidades. Disponível em: <http://www.ed.fea.usp.br/C03-art06> . Acesso em: 27 de agosto de 2017.

NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro:** algumas discussões. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11.pdf>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RICHARDSON, Roberto. Jarry. et. al. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação.** Tradução: Roberto Leal Ferreira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TEIXEIRA, Cristiana Barra. **Currículo da Educação Infantil.** Teresina: FUESPI, 2013.

TOLEDO, Cristina. O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola. In: Garcia, Regina Leite (Coord.). **Anais. II Congresso Internacional – Cotidiano: diálogos sobre diálogos.** GRUPOALFA – Grupo de Pesquisa e Alfabetização das alunas e alunos das classes populares. Rio de Janeiro, Niterói, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 6ª Edição. São Paulo, Martins Fontes. 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE – A**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que a _____ está de acordo em participar da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso pela graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-CSHNB, Sabrina Costa Feitosa Araújo, que tem como fim ANALISAR AS PERCEPÇÕES QUE AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL TÊM SOBRE A ESCOLA A PARTIR DO DESENHO.

Atenciosamente,

Picos-PI, 2017.

Diretora da escola da criança

APÊNDICE – B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- CSHNB LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO

Senhores pais/mães/responsáveis,

Solicito autorização para seu filho/filha

_____ participar dessa pesquisa que tem como fim ANALISAR AS PERCEPÇÕES QUE AS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL TÊM SOBRE A ESCOLA A PARTIR DO DESENHO. Trata-se de um estudo para elaboração de um trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-CSHNB.

A pesquisa acontecerá na própria escola, durante as atividades pedagógicas realizadas pelas professoras e outras atividades desenvolvidas com a finalidade de coletar os dados para análises que possibilite atender os objetivos do estudo. A coleta de dados será realizada através de desenhos (atividades de desenho em sala de aula) e das falas das crianças (entrevistas/conversas individuais).

As entrevistas/conversas serão gravadas (apenas as falas), para fins da análise dos dados. Será garantido o sigilo dos dados e o anonimato dos participantes (crianças). A participação de seu filho/filha não representa nenhum prejuízo para o mesmo/mesma, contudo, será de grande contribuição para os estudos sobre a escola infantil e a visão das crianças como sujeitos de direitos e construtores de cultura.

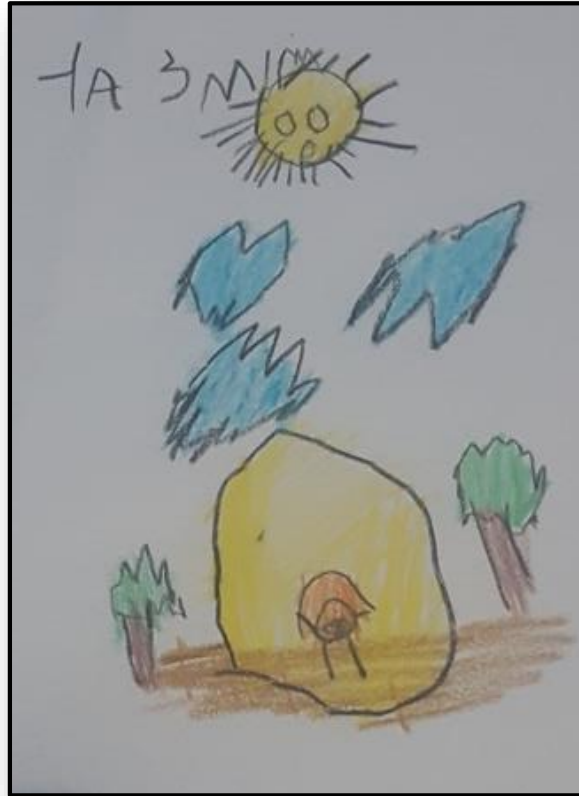
Estamos a disposição para outros esclarecimentos que poderão ser obtidos pelos telefones: (89) 9 9928-4638 com a acadêmica-pesquisadora Sabrina Costa Feitosa Araújo ou com a orientadora Ma. Cristiana Barra - (89) 9 9986-0292.

Certos de sua anuência e valiosa cooperação agradecemos antecipadamente.

Cordialmente,

Sabrina Costa Feitosa Araújo – Acadêmica de Pedagogia UFPI/CSHNB
Matrícula: 2013901124

Cristiana Barra Teixeira – Professora Orientadora
CPF: 840 858603-30
SIAPE: 2158081

APÊNDICE – C (ESCOLA)

Desenho de Doçura/ Fonte: A autora.



Desenho de Esperança / Fonte: A autora.



Desenho de Serenidade/ Fonte: A autora.



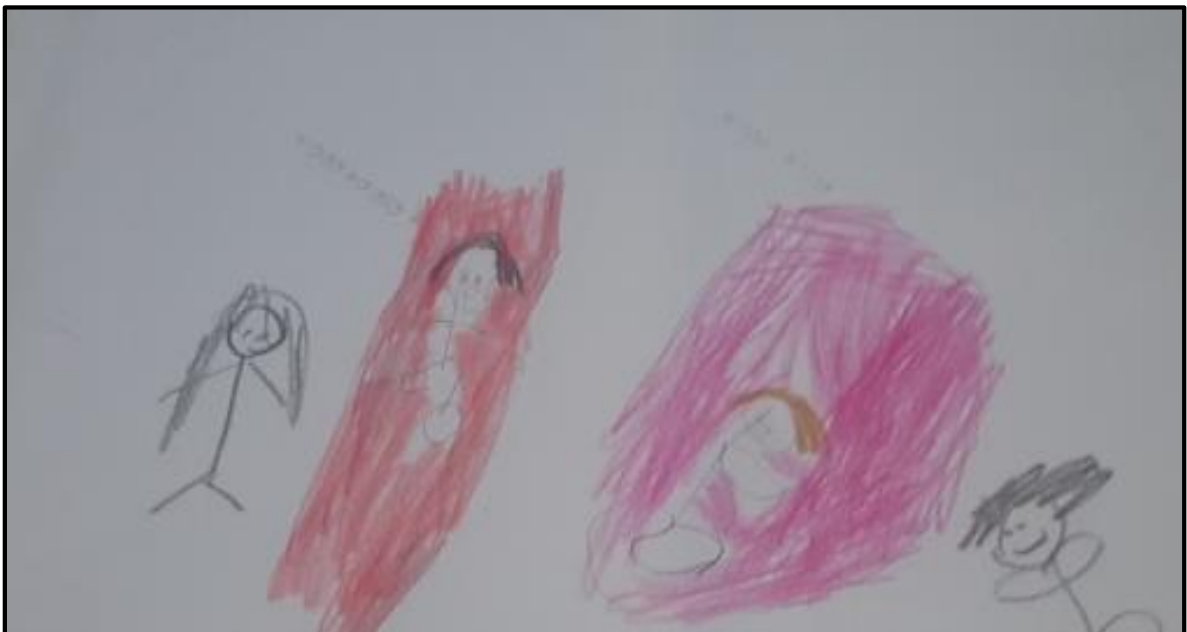
Desenho de Encanto/ Fonte: A autora.



Desenho de Pureza/ Fonte: A autora.

APÊNDICE D - (O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER NA ESCOLA)

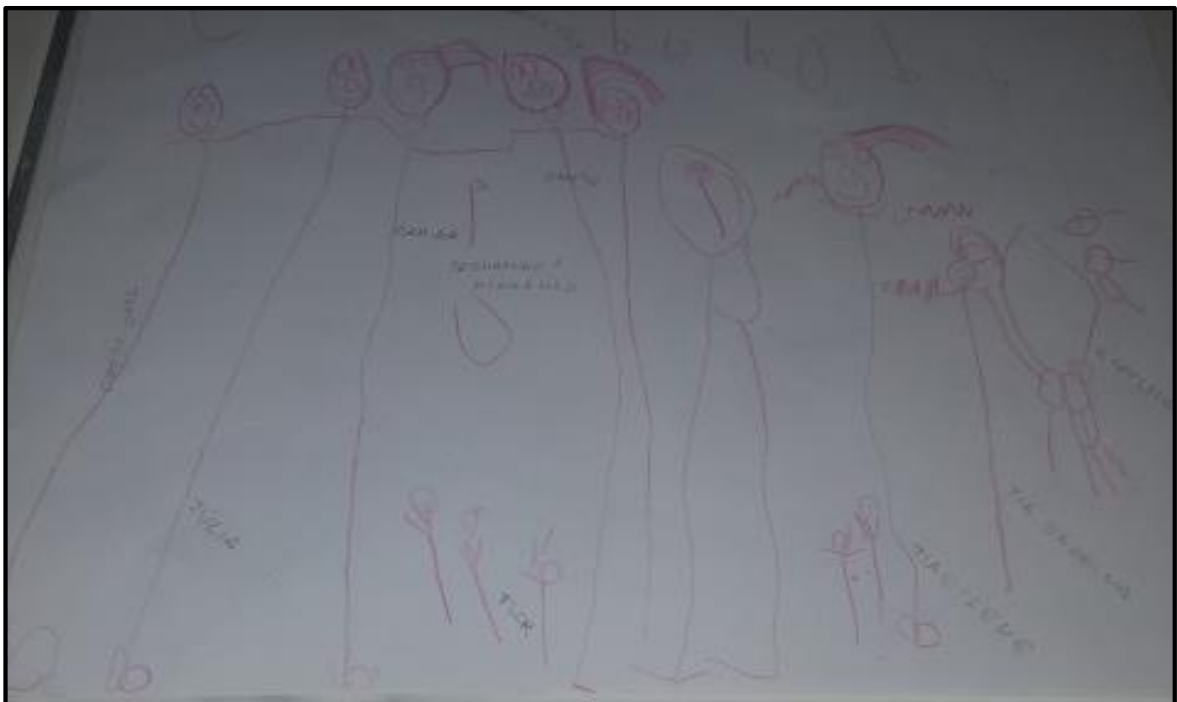
Desenho de Doçura/ Fonte: A autora.



Desenho de Encanto/ Fonte: A autora.



Desenho de Serenidade/ Fonte: A autora.



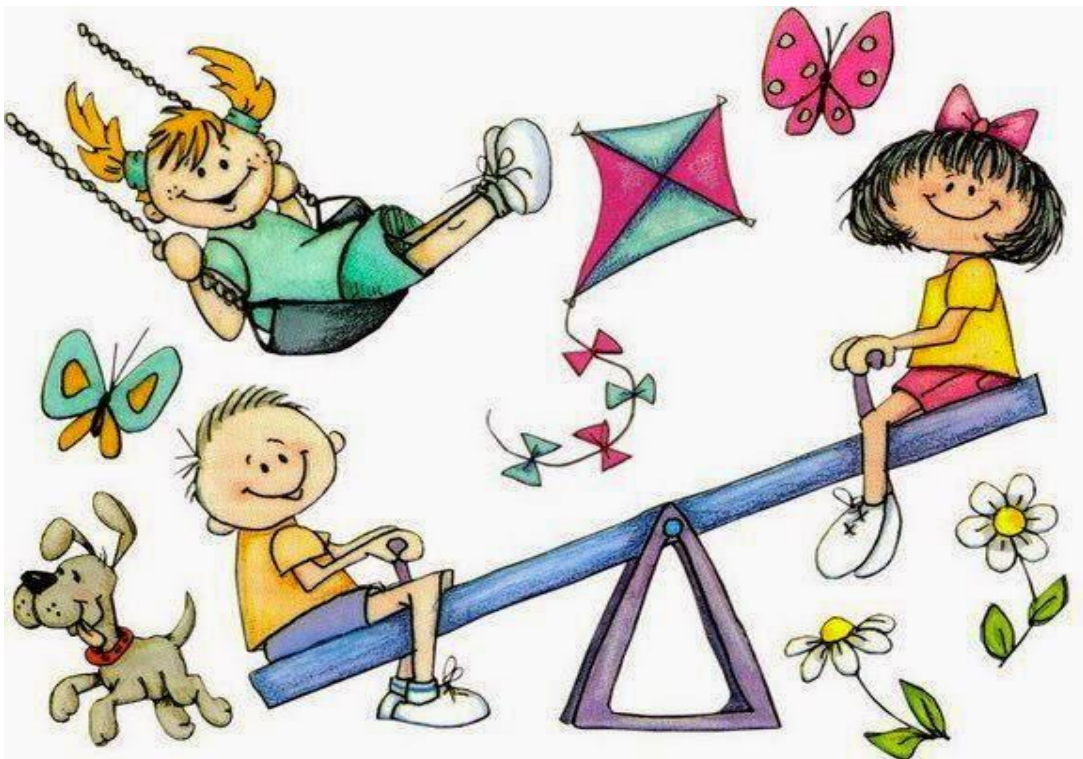
Desenho de Pureza/ Fonte: A autora.



Desenho de Esperança / Fonte: A autora.

APÊNDICE E- ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) O que você desenhou?
- (2) O que você vem fazer na escola?
- (3) O que gosta de fazer na escola?
- (4) Qual o lugar mais bonito?
- (5) Que lugar você não gosta?
- (6) O que você não gosta de fazer?
- (7) Qual a melhor coisa na escola?
- (8) Qual a pessoa que você mais gosta?
- (9) Tem alguma coisa que você não gosta de fazer?
- (10) Tem alguém de quem você não goste?





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Sabrina Costa Feitosa Araújo,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Que dizem as crianças sobre a escola
infantil: dando voz ao desenho
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 21 de junho de 2018.

Sabrina Costa Feitosa Araújo
 Assinatura

 Assinatura